

A poesia no fazer à mão com elementos da natureza na formação de professores para a Educação Infantil

Poetry in handcrafting with elements of nature in teacher training for early Childhood Education

Poesía en la elaboración artesanal con elementos de la naturaleza en la formación del profesorado de Educación Infantil

Ana Grazyele da Silva Araujo¹

FEUFF - Brasil

Cristiana Callai²

FEUFF - Brasil

1 Graduada no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense - FEUFF, pesquisadora do Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte – FIAR. Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/5132483943341554>. ORCID <https://orcid.org/0000-0003-0360-1576>. e-mail anagsa@id.uff.br

2 Professora no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense - FEUFF, e no Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGE/UFF). É pesquisadora do Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte – FIAR. Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/8060028242388784>. ORCID <https://orcid.org/0000-0001-8721-9184>. e-mail criscallai@gmail.com

RESUMO

Este relato de experiência faz parte de uma proposta pedagógica da disciplina “Atividades Culturais III - Criança e natureza: Experimentações Pedagógicas”, oferecida no curso de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense - UFF, em Niterói. Buscamos refletir sobre os elementos da natureza que fazem parte do mundo imediato e suas potencialidades pedagógicas em substituição aos materiais utilizados na Educação Infantil, como o Etileno-Vinil-Acetato (E.V.A), *glitter*, plásticos, folhas em tamanho A4, e os impactos ambientais no descarte. Em um convite para caminhar pelo campus da universidade, coletamos galhos, coquinhos, vagens, folhas, flores, sementes e cascas de insetos, entre outros, que iriam compor parte de uma composição artística com a argila. Um exercício de alargar olhares acostumados, tornando-os curiosos, cultivando novas maneiras de ver-sentir e interagir com/no mundo, despertando a imaginação e a criação. Imersos na coleta, questionamos como temos vivenciado a natureza no cotidiano da Educação Infantil e a prevalência de atividades voltadas às datas comemorativas. Cultivamos a poesia do fazer à mão e das experiências sensoriais na formação de professores, destacando a valorização de uma estética da ordinariade (Barros, 2010), feita de fragmentos, pedacinhos de mundo, pessoas desimportantes e desobjetos, revistos e reinventados. Através da sensibilização estética com os elementos da natureza e a argila, defendemos práticas pedagógicas alinhadas aos documentos legais e sustentáveis ao meio ambiente, reforçando a pertinência em oferecer aos professores em formação diferentes experiências pedagógicas e artísticas que ampliam o seu repertório e conhecimento de mundo.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Infantil; Argila; Formação Estética; Práticas sustentáveis; Meio Ambiente.

ABSTRACT

This experience report is part of a pedagogical proposal for the course “Cultural Activities III - Children and Nature: Pedagogical Experiments,” offered in the Pedagogy program at Fluminense Federal University (UFF) in Niterói. We seek to reflect on the elements of nature that are part of the immediate world and their pedagogical potential as replacements for materials used in early childhood education, such as ethylene vinyl acetate (E.V.A), *glitter*, plastics, A4 paper, and the environmental impacts of their disposal. Invited to walk around the university campus, we collected twigs, coconuts, pods, leaves, flowers, seeds, and insect shells, among other things, which would be part of an artistic composition using clay. This exercise broadened our familiar perspectives, making them curious, cultivating new ways of seeing, feeling, and interacting with/in the world, sparking imagination and creativity. Immersed in the collection, we questioned how we experience nature in the daily routine of Early Childhood Education and the prevalence of activities focused on commemorative dates. We cultivated the poetry of handmade work and sensory experiences in teacher training, highlighting the appreciation of an aesthetic of ordinariness (Barros, 2010), made of fragments, small pieces of the world, unimportant people, and disobjects, revisited and reinvented. Through aesthetic awareness of the elements of nature and clay, pedagogical practices aligned with legal documents and environmentally sustainable are defended, reinforcing the relevance of offering teachers in training different pedagogical and artistic experiences that expand their repertoire and knowledge of the world.

KEY-WORDS

Early Childhood Education; Clay; Aesthetic Training; Sustainable practices; Environment.

RESUMEN

Este informe de experiencia forma parte de una propuesta pedagógica para el curso “Actividades Culturales III - Niños y Naturaleza: Experimentos Pedagógicos”, impartido en el programa de Pedagogía de la Universidad Federal Fluminense (UFF) en Niterói. Buscamos reflexionar sobre los elementos de la naturaleza que forman parte del mundo inmediato y su potencial pedagógico como sustitutos de materiales utilizados en la educación infantil, como el etileno acetato de vinilo (E.V.A.), la purpurina, los plásticos, el papel A4 y el impacto ambiental de su eliminación. Invitados a recorrer el campus universitario, recolectamos ramitas, cocos, vainas, hojas, flores, semillas y caparazones de insectos, entre otros, que formarían parte de una composición artística con arcilla. Este ejercicio amplió nuestras perspectivas habituales, despertando su curiosidad y cultivando nuevas formas de ver, sentir e interactuar con el mundo, estimulando la imaginación y la creatividad. Inmersos en la colección, cuestionamos cómo experimentamos la naturaleza en la rutina diaria de la Educación Infantil y la prevalencia de actividades centradas en fechas conmemorativas. Cultivamos la poesía del trabajo artesanal y las experiencias sensoriales en la formación docente, destacando la apreciación de una estética de lo cotidiano (Barros, 2010), hecha de fragmentos, pequeños pedazos del mundo, personas sin importancia y desobjetos, revisitados y reinventados. A través de la conciencia estética de los elementos de la naturaleza y la arcilla, se defienden prácticas pedagógicas alineadas con los documentos legales y ambientalmente sustentables, reforzando la relevancia de ofrecer a los docentes en formación diferentes experiencias pedagógicas y artísticas que amplíen su repertorio y conocimiento del mundo.

PALABRAS-CLAVE

Educación Infantil; Arcilla; Formación Estética; Prácticas sostenibles; Medio ambiente.

Introdução

A disciplina do componente de “Atividades Culturais III - Criança e natureza: Experimentações Pedagógicas”, oferecida aos estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense (UFF), busca ampliar as experiências estéticas com/na natureza a partir de propostas que motivam uma nova maneira de olhar para o mundo imediato. Entre teorias e práticas, tecemos reflexões sobre os materiais pedagógicos utilizados na Educação Infantil, como o excesso de Etileno-Vinil-Acetato (E.V.A), *glitter*, plásticos, folhas em tamanho A4, e os impactos ambientais no descarte.

Tendo como referência as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), defendemos práticas pedagógicas que promovam “[...] a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza” (Brasil, 2010, p. 26). Nesse sentido, questionamos como temos vivenciado a natureza no cotidiano pedagógico da Educação Infantil e sobre a prevalência de propostas pedagógicas voltadas às datas comemorativas, como a semana do meio ambiente, que motiva, muitas vezes, a produção de painéis, enfeites e elementos temáticos, na contramão de práticas alinhadas com a sustentabilidade, a exemplo, a produção de lixo e o descarte inadequado, sendo feito geralmente, no lixo comum.

As proposições encaminhadas no cotidiano da Educação Infantil devem ser orientadas pelos princípios éticos, políticos e estéticos, essenciais para o desenvolvimento de cidadãos críticos, comprometidos com o bem-estar coletivo e individual, o qual também se estende à relação de cuidado entre todos os seres vivos e à preservação da natureza e dos recursos naturais. Destacamos as DCNEI, que defendem práticas “que promovam o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais” (Brasil, 2010, p. 26).

Em nossas aulas, temos trabalhado com o viés da sustentabilidade, buscando reduzir o impacto ambiental, promovendo o uso consciente dos recursos e a diminuição dos resíduos. Em uma proposta de composição artística com a argila e com os elementos da natureza, não há produção de lixo ou impactos ambientais em seu descarte, uma vez que os materiais utilizados voltam aos seus ambientes naturais.

A poesia Barriana no fazer à mão

Com a perspectiva de ampliar as percepções sobre os elementos naturais, como materiais que trazem maior riqueza ao trabalho pedagógico, os estudantes são incentivados a transver as coisas do chão, ver a estética da ordinariedade, que nos aproxima da poesia de Manoel de Barros (2019, p.136): “Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma e que você não pode vender no mercado como, por exemplo, o

coração verde dos pássaros, serve para poesia”.

Na “estética da ordinariedade”, a poesia é feita de fragmentos, pedacinhos de mundo, pessoas desimportantes e desobjetos, revistos e reinventados. Nos poemas de Manoel de Barros encontramos os pássaros, os andarilhos e as crianças. Os pássaros, por serem livres para fazer ninhos onde quiserem e para partirem a qualquer tempo, por terem ensinado o poeta a sonhar. Os andarilhos, pela linguagem própria, singular, pela rebeldia de não terem um destino, pela sabedoria da ignorância, pela comunhão com a natureza. E as crianças, pela semente da palavra, pela capacidade de brincar (Barros, 2010). O apreço pelo mundo viria pelo que é “natural”, o que não foi criado pelo homem e, portanto, estariam em estado de comunhão.

Vi que tudo que o homem fabrica vira sucata: bicicleta, avião, automóvel. Só o que não vira sucata é ave, árvore, rã, pedra. Até nave espacial vira sucata. Agora eu penso uma garça branca de brejo ser mais linda que uma nave espacial. Peço desculpas por cometer essa verdade (Barros, 2010, p. 71).

Há, na poesia de Manoel de Barros, algo que extrapola os limites do sentido, que também se dá através de uma experiência sensorial “ouvir nas conchas as origens do mundo” (Barros, 2010, p.71). Em sintonia, propomos experimentar com os sentidos os elementos coletados: galhos, coquinhos, vagens, folhas, flores, sementes e cascas de insetos, entre outros, que possibilitam o contato com microcosmos, eis aqui o nosso material de poesia.

O poeta funda a sua poesia a partir dos restos humanos associado aos elementos da natureza. Para ele, é o natural que atende a lógica de permanência. Quando ele repensa os objetos e tenta inseri-los em nova ordem, essa ordem parece ser a da natureza.

Compreendemos que o contato com o mundo natural é um direito de todo ser humano, e que é na infância o momento mais importante para nutrir o amor pela natureza e cultivar uma relação de respeito e com consciência ecológica. Nesse sentido, direcionamos o olhar para as creches e escolas, que em sua maioria, carecem de espaços verdes e de contato com a natureza.

O distanciamento entre criança e a natureza é denominado de “emparedamento”, um “conceito relativo à condição de aprisionamento das crianças em espaços entre paredes” (Tiriba; Profice, 2023, p. 90). A redução de áreas verdes e do contato com o ambiente natural, em espaços teoricamente projetados para as crianças, indica um alerta para o modo como a sociedade vem concebendo, ao longo das últimas décadas, a sua relação com a natureza. Diante desse cenário, uma reflexão: qual visão de mundo queremos construir no imaginário das crianças?

Por isso, entre o emparedamento e a estética do ordinário, defendemos um trabalho pedagógico que fertilize os espaços e as propostas encaminhadas no cotidiano da Educação Infantil, entrelaçando materialidades e elementos da natureza com a prática pedagógica.

Inventários da natureza

A proposta com a argila aconteceu no espaço externo, em contato com o ambiente natural, como de costume na disciplina, ocupando outros espaços da universidade. Nos encontramos fora do prédio da Faculdade de Educação e seguimos caminhando.

No contato com a natureza presente no campus, os sentidos vão sendo convocados a ouvir os cantos de diferentes pássaros, a sentir o cheiro de maresia, as texturas do solo, da vegetação e a observar a vida - somos expostos a sentidos múltiplos que uma sala de aula estéril não permitiria. Saímos do automático e somos convidados a contemplar, observar ao ficarmos expostos aos muitos sentidos. A natureza nos oferece, em toda a sua dimensão, espaços férteis para as experiências estéticas.

Compreendemos a estética em seu sentido filosófico grego "*aisthesis*", como percepção, sensação, sensibilidade, o contrário de anestesia. Buscamos nutrir a formação estética dos estudantes ao ampliar os seus repertórios artístico-culturais. Tendo a natureza como agente, interlocutor fundamental, e concordando que "a formação estética tem íntima relação com os processos de percepção, de imaginação, de interpretação, no mundo e com o mundo, por meio dos quais a sensibilidade é alargada" (Ostetto 2019, p. 60).

Os estudantes receberam o convite para caminhar pelo campus e olhar com novas lentes o território já conhecido, em busca de elementos da natureza que poderiam potencializar a criação das suas composições artísticas com a argila. Um exercício de alargar olhares acostutados, tornando-os curiosos, cultivando novas maneiras de ver-sentir e interagir com/no mundo, despertando a imaginação e a criação.

Aos poucos, cada estudante apresentou o seu inventário da natureza, revelando escolhas feitas em gestos miúdos e singulares. Experimentar a argila, uma matéria-prima maleável e repleta de possibilidades de criação e transformação durante o seu manuseio, oferecendo um processo de alquimia no fazer à mão, na modelagem, dando forma ao imaginário. O fazer à mão "convoca pensamento, sentimento, intuição e sensação" (Ostetto, 2019, p. 62), nutrindo a poesia existente em cada um. A estudante, e uma das autoras deste relato, narra o seu processo:

Ao manusear a argila, percebi que a sua forma, textura e maleabilidade eram diferentes das outras que tive contato. Talvez pelo clima frio, talvez pela temperatura das minhas mãos, ou mesmo pela pouca conexão que criei com ela. (Ana Grazyele, 2025)

Para a nossa surpresa, muitos estudantes nunca tiveram contato com a argila na vida, fosse como aluno ou como professor, demonstrando a pertinência em oferecer espaços e experiências que nutram outras maneiras de ser-fazer docente, ampliando os seus repertórios e, nesse caso, apresentando possibilidades outras de

substituição de materiais utilizados na Educação Infantil, como é o caso da massinha de modelar, material não biodegradável, considerando embalagens, plásticos e outros componentes.

Diferente da massinha de modelar, a argila, por se tratar de um elemento natural, convoca os sentidos através dos cheiros, cores, texturas e temperaturas, que são alterados conforme o manuseio. A argila convida à exploração, à experimentação, a investigar possibilidades que são criadas ao manusear, como testemunha mais uma vez a estudante:

Um animal? Uma rosa? Muitas vezes considerei fazer uma flor, com várias pétalas, entretanto, em outra ocasião eu já havia criado uma flor com argila, então, pensei: "Preciso desafiar-me". Mas como é difícil imaginar e criar, parece que somente os artistas e as crianças conseguem elaborar algo em momentos como esse. Contudo, sendo sincera comigo mesma, percebi que, especialmente naquela semana, pouco me deixei afetar pelo mundo e senti-me física e mentalmente esgotada. Ainda assim, no dia da proposta, cheguei ao encontro considerando criar um animal, pois seria mais confortável para mim e não queria frustrar-me ou ter um outro trabalho a fazer, além desse. (Ana Grazyele, 2025)

Fazer, refazer, renovar, repensar, criar, recriar, movimentos que esculpem e ampliam os repertórios estéticos dos estudantes. Nesse momento, propomos pensar pluralidade de sensações e movimentos realizados em uma simples proposta de argila e elementos naturais: pensamentos, mãos, corpo, imaginação.

Defendemos a criação em espaços-tempos de aprendizagens, nutrindo sensibilidades como forma de produção de conhecimento. Na proposta-experiência aqui narrada, os estudantes eram mobilizados pela arte da criação, como uma oportunidade de vivenciar momentos provavelmente requisitados na prática docente, conforme argumentam as pesquisadoras:

Explorar, criar e fruir arte, como oportunidade de interpelar-se diante da vida, tornam-se movimentos essenciais para o profissional que, na escola ou em instituições de Educação Infantil, tem ao seu redor sujeitos-crianças que estão sempre a questionar o mundo, ávidas pela criação, curiosas de toda a novidade, disponíveis para a experimentação e pesquisa, de corpo inteiro (Ostetto; Folque; Bezelga, 2019, p. 27).

Proporcionar o contato com as diferentes materialidades e linguagens expressivas, expande os sentidos, amplia as experiências estéticas e os repertórios de mundo. Torna-se indispensável oportunizar espaços-tempos de criação no processo de formação docente. Observamos em nossa vivência a inteireza dos estudantes na realização da proposta de modelar, as marcas na argila, os movimentos singulares que exigem atenção e concentração ao ato de criação.

O tempo foi passando juntamente com um movimento moroso, que se repetia na arte de criar, tentativas no fazer à mão, hidratar a argila que craquelava, modelar, fazer uma pasta líquida para unir formas delicadas, modelar, colocar para secar. Ficamos

ali, admirando o material que foi ganhando formas, os elementos da natureza em composição e as narrativas do processo.

Uma estudante experimentou diversas possibilidades de criação em sua composição com a argila. A matéria-prima impôs um duelo no processo de modelagem, iniciamos um diálogo sobre a alternância da temperatura e força das mãos no processo de transmutação da matéria, criamos hipóteses e refletimos sobre a conexão do corpo com a matéria. Imersa no processo de modelagem ela deu forma a sua obra de arte.



Figura. 1: *Elementos*. Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2025)

A composição estética da estudante nos produz encantamento, ela foi criando e imaginando maneiras pela qual a sua arte iria figurar no mundo e assim o fez. Admiramos e interpretamos a sua escultura a partir de nossos repertórios artísticos. A experimentação sensorial na criação com elementos da natureza, em combinações inusitadas, nos convida a uma reação sensível de apreciação das obras de artes.

Manoel de Barros (2010), defende que não se perca o encantamento advindo do inédito, da novidade, daquilo que consegue sair do lugar-comum e convidar à travessia para o que pode ser descoberto. Outra estudante, na sua composição artística com a argila, modelou insetos, em um fazer à mão moroso se apropriou da maleabilidade da matéria para criar formas, uma barata e uma joaninha, dedicou-se aos detalhes. Após a finalização do trabalho, colocou-os na natureza, no seu lugar de origem e foi embora. Uma exposição ao ar livre, ao efêmero e finito das coisas do mundo, à moda Barriana.



Figura. 2: *Natureza*. Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2025)

Ela compartilhou a sensação de alívio que sentiu ao não produzir lixo, como também, a preocupação com o seu descarte. A sua criação ficou ali, exposta aos olhos curiosos de quem passava pelo campus.

O poeta afirma que engrandecer as coisas menores através da linguagem é uma das funções da poesia e define a sua preferência: “Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós. Assim um passarinho nas mãos de uma criança é mais importante que a Cordilheira dos Andes [...]” (Barros, 2010, p. 109).

Considerações Finais

Retomamos o questionamento sobre o trabalho pedagógico com a argila para a diminuição do consumo da massinha de modelar industrializada. A modelagem com a argila, para além do sentido sustentável e de reutilização do material, é carregada de uma potência ímpar em relação às potencialidades, ao contribuir não somente com o desenvolvimento motor, mas com a dimensão estética, da sensibilidade e da criatividade das crianças. Do mesmo modo que foi possível realizar a substituição pela argila, atividades outras que ainda façam uso de Etileno-Vinil-Acetato (E.V.A), *glitter*, plásticos, folhas em tamanho A4, podem ser substituídas ou adaptadas por propostas que incorporem os elementos da natureza, de forma a ampliar repertórios de mundo, integrando os espaços internos e externos da escola.

Somos construções sociais e precisamos do outro, da troca, das interconexões que são, na maioria das vezes, propostas pela natureza. Ainda, a argila se destaca pela matéria densa, mas também pela maleabilidade e plasticidade, importantes recursos à imaginação e à criação na Educação Infantil. A composição artística com elementos da natureza pode, ao secar, mudar de cor, como também pode requerer retoques, os quais podemos fazer uso da barbotina para unir as partes.

Reforçamos a importância de oferecer aos professores em formação diferentes experiências pedagógicas e artísticas que ampliem o seu repertório de vida e de conhecimento de mundo. Como sinalizou Rinaldi (2021, p. 216): “não há criatividade na criança se não há criatividade no adulto: a criança competente e criativa existe se existir um adulto competente e criativo”. Precisamos de professores que também estejam atentos às suas próprias singulares linguagens. Incentivar o encontro com a dimensão criadora, com o brincar e com a arte implica possibilitar o reencontro com a criança afetiva que existe dentro de todos nós.

Referências

BARRO, Manoel. **Matéria de Poesia 1**. Ed.. Rio de Janeiro: Editora Alfaguara, 2019.

BARROS, Manoel. **Memórias Inventadas**. As infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

OSTETTO, Luciana. **Com o pensamento do coração**: Entrelaçando docência e formação estética. Atos de Pesquisa em Educação, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 57–77, 2019. DOI: 10.7867/1809-0354.2019. v. 14, n. 1 p. 57-77.

OSTETTO, Luciana; FOLQUE, Maria; BEZELGA, Isabel. **Além de um Programa Curricular**: a

formação estética de professoras/educadoras das infâncias. Educação e Fronteiras. Dourados, v. 9, n. 27, p. 23–35, 2020. DOI: 10.30612/eduf.v9i27.12609.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

TIRIBA, Lea; PROFICE, Christiana. **Desemparedar infâncias**: contracolônialidades para reencontrar a vida. O Social em Questão, vol. 26, núm. 56, 2023, Mayo-Agosto, pp. 89-112. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio De Janeiro, Brasil

Submissão: 03/06/2025
Aprovação: 16/08/2025